



ESTIGMAS NO CORPO DA MULHER IDOSA: UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA.

BRITO Raquel Rocha Rosa de
Estudante de Mestrado do Programa de Cognição e Linguagem, UENF
raquelrosapsi@hotmail.com

SOUZA Carlos Henrique Medeiros de
Coordenador e Professor do Programa de Cognição e Linguagem, UENF
chmsouza@gmail.com

396

Resumo:

O presente estudo discute sobre o corpo da mulher idosa. Foi feito um recorte sócio histórico abordando o conceito de corpo, como a mulher idosa se vê nos dias atuais a partir de um construto social atrelado aos estigmas sofridos ao longo dos tempos. Através de pesquisa bibliográfica sobre as teorias atuais verificou-se que cada época teve seu padrão de corpo a fim de atender as normas sociais, políticas e econômicas de seu tempo. O objetivo foi discorrer a temática sobre a concepção de corpo, da mulher e da velhice em momentos históricos diferentes. Os caminhos percorridos a fim de descrever com maior propriedade o estereótipo de corpo adotado na contemporaneidade dado este que as influências foram ora distintas a cada época, convergindo com a idéia de que os estigmas também sofreram mudanças; estão presentes não só no corpo, mas na mente e na identidade das mulheres gerando um agravo de ordem psicológica.

Palavras-chave: corpo, mulher, idosa.

Abstract:

This study it is discussing the body of the elderly woman. A cutout historical socio addressing the concept of the body as the elderly woman is seen in the current days as a social construct, tieddyng her to the stigma she has being suffering over the ages which has being passing on. Through literature researches, on recents theories, it has being found that each season has its own body pattern, in order to, meet the social, political, and economic norms of her fitting time. The purpose of this discoursing is the theme on the designing of the body, of the woman and the elder woman at different historical moments. The paths chosen in order to, describe more appropriately the stereotype Body adopted nowadays given whicht this influences were getting different over every time to time, converging with the notion that the stigmas also are changing; however, all of that still are present not only in the body, but also into their minds, and identity of women, it is generating and causing a worsening at the psychological level.

Keywords: body, woman, elderly woman.



INTRODUÇÃO

O presente estudo discute sobre o corpo da mulher, como ele foi e ainda é estigmatizado. Foi feito um recorte histórico abordando o conceito do corpo feminino e seus estigmas à luz da psicologia, tomando como base pressupostos sociológicos. Sabe-se que cada época teve seu padrão de corpo socialmente moldado para atender às normas sociais, políticas e econômicas de seu tempo. Muitos teóricos apontam para o fato que homens e mulheres foram manipulados para que cada um representasse o papel ao qual a sociedade espera, neste contexto buscamos tratar a identidade da mulher e seus desdobramentos ao longo dos tempos apresentando o processo de envelhecimento dado a partir da sociedade justamente com realidade individual das mulheres idosas, como os seus corpos foram tratados durante a juventude, algumas décadas atrás, e como são os reflexos nos dias atuais.

O interesse pelo assunto surgiu a partir de vários estudos já presentes sobre o corpo; visando abordar uma nova temática que tem por objetivo discutir a respeito da concepção do corpo e os caminhos por ele percorridos a fim de contextualizá-lo e descrevê-lo com maior propriedade a partir da psicologia convergindo na pesquisa sobre a percepção que as mulheres idosas têm sobre seu corpo e sua trajetória histórico-social.

1. O CORPO E SUA HISTÓRIA

Analisar o corpo pela ótica social e psicológica leva-nos primeiramente conceituar e delimitar o termo. Durante muitos anos a psicologia acreditou na visão dualista mente e corpo de Descartes, que via o homem através de uma concepção dicotômica e mecânica, ou seja, o corpo era constituído e estudado por partes e não em sua totalidade. Para Descartes a capacidade de pensar está ligada a mente e o corpo ao mundo físico, para estudá-la, portanto, é necessário saber separar as reações físicas das emocionais (Schultz e Schultz 2009).



Na visão sociológica, segundo Hanks (2008), Bourdieu diz que o homem necessita pertencer a um meio social, o indivíduo é o coletivo encarnado, o social incorporado. O corpo passa a ser portador do *habitus*, moldado a partir das condições culturais e materiais transformado em um corpo social que traduz a maneira de ser no mundo.

Durkheim (1995) fala da analogia entre o corpo humano e o corpo social e alega que defini-lo apenas de forma biológica é limitado, pois chega a um lugar comum ao de um animal, sendo o diferencial do ser humano o “viver em sociedade”, tornar-se um ser socializado.

Podemos agora elucidar melhor a construção social da história do corpo. Segundo Costa (2011) na pré-história o homem se imaginava como parte da natureza, vivia em constante interação com o ambiente, fazia dos poucos recursos uma forma de sobrevivência, como a pesca e a caça. O próprio corpo era a mediação entre o homem e o mundo. Tudo era visto de uma forma bem mítica, o homem pouco sabia e conhecia os fenômenos naturais. Eibesfeldt (1977) sugere que o homem é um ser geneticamente pré-programado para enfrentar e superar riscos. Por isso, os grupos familiares primitivos se organizavam para protegerem a mulher, a prole, os alimentos, a liderança e o território. Surge então os primeiros grupos sociais.

Da pré-história para a antiguidade, Costa (2011) nos diz que a cultura asiática começou a conceber o homem a partir de dois fundamentos: a espiritualidade e a política. Passa a surgir domínio sobre o corpo para a liberação do espírito. Pensavam, portanto, que o corpo aprisionava o espírito devido a suas necessidades fisiológicas constantes, mas também esse com muitas imaginações frustradas leva o corpo ao sofrimento.

Cassimiro Et al. (2012) nos dão a idéia de como alguns filósofos entendiam corpo e alma. Sócrates (470 a 399 a. C.) possuía uma visão mais integral de homem, alegava ser importante a alma e corpo no processo de interação homem e mundo. Carmo Junior (2005 apud CASSIMIRO 2012) mostra que Sócrates não separava corpo e alma, mas notava a harmonia entre o intelecto e a beleza física, ou seja, um dependia do outro. Aristóteles (384 a 322 a.C.) compartilhava das mesmas ideias de Sócrates; ele entendia que as ações



humanas eram interligadas em um processo contínuo entre corpo e alma. Aristóteles concordava em parte com Platão a ideia de que o conhecimento sensível era frágil, porém não julgava atribuir ao intelecto, a alma qualquer superioridade. Já Platão (427 a 347 a. C.) tinha uma visão mais dicotômica, para ele o corpo era a prisão da alma. De acordo com Moreira (2006 apud CASSIMIRO 2012) seguindo o pensamento de Platão, a sociedade deveria se organizar segundo a distinção entre mundo sensível e mundo inteligível, duas coisas distintas para ele. Carvalho e Rubio (2001 apud CASSIMIRO 2012) explicam que em Platão o corpo foi tratado como um empecilho para a alma. A dor e a morte do corpo elucidavam a superioridade da alma.

Na idade Média, segundo Costa (2011), Tomas de Aquino valorizou o corpo, quando o colocou no mesmo patamar que a alma, ao declarar que a alma deve sua existência ao corpo abriu o entendimento para a relação de interdependência corpo e alma. Segundo Barbosa Et al. (2011) durante a idade Média o corpo serviu, mais uma vez, como instrumento de consolidação das relações sociais. Características físicas como a altura, cor da pele e peso corporal, eram determinantes na distribuição das funções sociais. O homem medieval era extremamente contido, a instituição religiosa restringia qualquer manifestação mais criativa. O cristianismo que dominou durante a Idade Média, ditou as regras de comportamento da época.

Após essa época, a chegada do renascimento deu fim a essas ideias, passou a centrar nos processos biológicos do corpo, na condição física e nos alimentos como combustíveis para a máquina corporal funcionar saudavelmente. Deu início em meados do séc. XVII a idade moderna. Spinoza (2005) revela-nos que essa era abriu possibilidade de superação do dualismo entre corpo e alma. A ideia do autor é que um não se sobrepõe ao outro. A capacidade intelectual passa a ter prioridade com a chegada da ciência e das tecnologias. Ao estudar os corpos femininos dos séc. XVIII e XIX Philippe Perrot (1984 apud STREYEt al., 2004) mostra que havia uma grande diversidade de silhuetas e relevos que testemunhavam a diversidade das referências somáticas entre a sociedade e a época. Vale ressaltar que nesta mesma época surgiram muitos produtos de beleza para as mulheres como batom, começavam também a cortar os cabelos, aderiram aos decotes e depilação.

ESTIGMAS NO CORPO DA MULHER IDOSA: UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA.



Enriquecendo e rebuscando mais ainda o padrão de beleza (STREY Et al., 2004).

Com a expansão do capitalismo, no século XIX, propaga-se a forma de produção industrial e o ser humano é visto como um “corpo produtor” e também consumidor (Rosário, 2006). Seguindo essa mesma ideia, a autora diz que com o aumento da expectativa de vida, os novos meios de transporte e comunicação expandiram também as formas de interação. O fácil acesso à informação trouxe infinitas possibilidades ao conhecimento e uma maior preocupação como corpo, ora liberto das muitas repressões nas eras passadas. Segundo Bassanezi (2004) na década de 50 o casamento e a maternidade faziam parte da essência feminina, sem chance de contestação, pois estaria contradizendo a natureza, não existia a possibilidade de ser feliz sem casar-se e ter filhos. A autora também destaca que o casamento era o maior objetivo de vida das jovens solteiras, era visto como uma realização feminina.

Segundo Alves e Pitanguy (1991), até meados do século XIX, a vida da mulher era administrada conforme os interesses masculinos. O homem detinha o direito de controlar a vida da mulher como se ela fosse sua propriedade, determinando os papéis a serem desempenhados por ela. Seguindo essa linha de pensamento, D'Ávila Neto (1980) nos diz que a mulher tinha função de reprodutora, dona-de-casa, administradora das tarefas dos escravos, educadora dos filhos e de prestadora de serviços sexuais ao seu marido.

A luta do feminismo não reivindicou, na época patriarcal, somente a igualdade de direitos, mas também a libertação do sofrimento psíquico devido à sua marginalização na sociedade, incluindo seu corpo e seus desejos. No Brasil, salientam Costa e Mello (1999), muitas limitações foram superadas pelas mulheres, como a inserção no mercado de trabalho, o direito de voto e a iniciação na atuação política, mas ainda vigoram algumas características patriarcais mantidas pela cultura.

O corpo feminino, que sofreu os limites impostos pela cultura e pela sociedade patriarcal, deu lugar ao corpo que produz força de trabalho e parece se adequar aos interesses capitalistas. Andrade e Bosi (2003) alegam que a mulher conquistou seu espaço no mercado de trabalho através da inserção profissional, se emancipou em relação ao



homem, podendo assim obter sua própria renda e conquistou o direito do uso da pílula anticoncepcional para evitar a reprodução.

Esta nova forma de existir passou a valorizar a estética do corpo e a independência financeira e profissional da mulher, o que contribuiu para a construção de uma nova imagem da mulher. Porém, tal valorização foi tão aprimorada pelos meios de comunicação que, a partir do século XX, ocorreu uma banalização do corpo da mulher, pois a mídia o expôs em propagandas, revistas, jornais e programas de TV.

Se nas outras épocas a preocupação com o corpo era de que ele fosse o abrigo da alma e fosse bem alimentado, na contemporaneidade se desloca para a sexualidade e suas práticas sexuais. Segundo Sant`Anna (1996) surge os códigos de conduta para controlar o corpo e a sexualidade, sendo reforçado pela igreja católica. Para Foucault (1994) o corpo é um objeto controlado pela sociedade, subjugado às suas normas e códigos, mas, apesar disso, o ser humano é capaz de ir contra esse controle.

Observa-se portanto que os corpos, principalmente o feminino, foram manipulados em momentos históricos diferentes para atender diversas demandas sociais. Nos capítulos a frente, analisando mais detalhadamente o processo de envelhecimento, notaremos que os estigmas criados desde a antigüidade perduram até hoje, e se, décadas atrás o comportamento da mulher era moldado a partir dos homens e da igreja, nos dias atuais, vamos ver outras interferências sociais: a mídia, a internet, revistas, que abrem um leque cada vez maior de possibilidades para alcançar o tão almejado corpo, em uma sociedade onde o” que se quer se pode”. As marcas de todas as escolhas ficam não só no corpo, mas na psiquê e, o envelhecer na sociedade atual não parece algo ideal e natural, mas totalmente substituível por um novo corpo.

2. O CORPO DA TERCEIRA IDADE

As pessoas buscam respostas para alguns questionamentos concernentes ao corpo. Estudos mostram que os fenômenos que envolvem o processo de envelhecimento assusta as pessoas e mais, muitos estão despreparados para viver essa fase natural do ciclo de vida. O mundo de hoje prega a novo, o que há de mais atual e moderno, parece não haver espaço



para a palavra velhice e tudo que provém dela. Os que assumem a velhice de forma menos conflituosa parece encontrar uma problemática pela frente: a sociedade que dita o que deve ser feito para que a aparência do corpo negue e esconda a realidade eminente: o envelhecimento. Discorreremos sobre os fenômenos que circundam nossa sociedade e refletem na imagem que as mulheres idosas têm nos dias atuais de si, do seu próprio corpo.

A velhice, do ponto de vista biológico, é percebida como um desgaste natural das estruturas orgânicas onde há várias mudanças com o passar da idade, prevalecendo os processos degenerativos (Caldas, 2002). Vamos discorrer sobre os muitos significados no processo social, pois apenas o biológico seria superficial. Para Haber (1986 apud GROISMAN 2002) nos séculos XVIII e início do século XIX os médicos não viam os velhos separadamente dos demais, haviam doenças ligadas a senescência como gota e reumatismo, mas os pacientes não recebiam uma terapêutica adequada para sua faixa de idade. Segundo Katz (1996) a história da velhice se relaciona com a história da modernidade, a geriatria, considerada o saber médico que tem o corpo velho como objeto de estudo, só surgiu como especialidade médica no início do século XX. A disciplina surgiu por volta de 1910, com o trabalho do médico norte-americano Ignatz Nascher, foi o primeiro a estabelecer as bases clínicas, biológicas para a identificação e tratamento da velhice (Hareven, 1995).

Podemos dizer que a geriatria e a institucionalização das primeiras aposentadorias dadas a partir do século XVIII impulsionaram a definição da velhice como categoria etária diferenciada, assimilado à invalidez e a incapacidade de produzir. Ao final da vida não existia mais a possibilidade de trabalho, restava a inaptidão física e mental (LENOIR 1979). No século XIX teve surgimento a gerontologia que, segundo Katz (1996) foi cunhado por Elie Metchnikoff em 1913. Essa disciplina diferencia-se da geriatria por ser mais complexa, pois é necessário várias intervenções de diversas teorias que expliquem o prolongamento da vida. Podemos citar a colaboração da sociologia e da psicologia para a sua formação.

Antes da década de 60, a velhice se caracterizava como um momento de descanso, solidão e ociosidade, mas com a nova nomenclatura “idoso”, a velhice tornou um

ESTIGMAS NO CORPO DA MULHER IDOSA: UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA.



momento do lazer, de realização pessoal, de interação social com pessoas da mesma faixa etária, novos hábitos e cultivo a novas habilidades. Peixoto (1998) analisa esta mudança tanto na França como no Brasil. O termo ‘velho’ era um forma pejorativa de tratá-los, principalmente os velhos pobres. A partir da década de 60 o termo começa a ser substituído por ‘idoso’, menos estereotipado.

Consequente, surge o termo ‘terceira idade’ para a classe média, são os mais novos e respeitados jovens aposentados. Começa então a difusão de uma imagem positiva da velhice. Peixoto (1998) diz ainda que o termo “terceira idade” no Brasil acompanhou e adotou as políticas públicas francesas. No entanto a palavra ‘velho’ no Brasil se mantém e é mais utilizado para nomear pessoas velhas de classes menos favorecidas, enquanto ‘idoso’, termo mais bonito, para os de classes médias e altas. Entendemos assim que esta imagem negativa da velhice faz-se presente desde o século XX, pautado na fragilidade e decadência biopsíquica; os velhos perderam seu espaço para aqueles que detinham o poder que as novas ciências e técnicas proporcionavam, aos mais jovens (BLESSMANN, 2004).

As teorias mais presentes discorrem e tem uma visão mais holística sobre o processo de envelhecimento. Para Vitola (2003, p. 97), “a velhice é a última etapa do ciclo normal da vida. Entender o processo do envelhecimento é compreender de forma abrangente os aspectos individuais e coletivos da vida.” Já Ibias (2003, p. 246) afirma que “a velhice é um fenômeno biológico, com consequências psicológicas”. Observamos que o envelhecer resulta em modificações nos aspectos biopsicossociais e são intermediados por fenômenos complexos que influenciam a auto imagem do indivíduo.

Voltando o olhar para a questão psicossocial, Mori e Coelho (2004) refletem e dizem que o envelhecer cronológico não é o único determinante, mas a condição social porque afeta diretamente as singularidades individuais. Os autores falam ainda que as mudanças corporais, presentes no envelhecimento, impactam a auto imagem feminina e potencializam um sofrer psíquico de acordo com as regras de cada sociedade em relação à mulher.

“Se a velhice é considerada uma etapa, assim como a infância e a juventude, é nela



que se concentra o momento mais dramático de mudança de imagem corporal, porque é difícil aceitar uma imagem envelhecida em uma sociedade que tem como referência a beleza da juventude.” (BLESSMANN, 2004, P. 27). A proposta é que só é velho quem quer, por que aparentar ser velho se o indivíduo tem a escolha de recodificar a experiência de envelhecer na sociedade contemporânea?

Segundo Oliveira Et al. (2013) No início do século XXI houve um aumento das formas de manipulação do corpo para que esse permaneça com aparência jovem, existe um controle sobre o corpo, influenciado pelas novas técnicas médicas e tecnologias estéticas, dietas e exercícios milagrosos. Nota-se que de algumas décadas até os dias atuais, a sociedade vem tentando mascarar alguns fenômenos específicos e naturais que acontece naqueles que estão envelhecendo, como por exemplo as rugas, os cabelos brancos, a forma de se vestir e todo o corpo sofre de alguma forma consequência do processo de envelhecer. Tudo isso está ligado a aparência e a imagem que a sociedade não aceita, o discurso é sempre pelo belo e o jovem.

Diniz (apud, MORI e COELHO, 2004, p.178) afirma que a questão de gêneros está interligada as características, comportamentos e traços de mulheres e homens que são construídos mais através da cultura do que o determinante biológico de sexo. Conforme Pitanga (2006), há uma obsessão pelo corpo jovem onde se se tenta corrigir a marca da passagem do tempo presente no corpo envelhecido. As novas técnicas são tentativas de camuflar a dor causada pelo conhecimento de finitude do ser humano.

Jardim Et al. (2006) fala sobre os estigmas na terceira idade. A representação atual que as pessoas têm da velhice, como perda da autonomia, leva a um estigma de que o idoso é um problema social. O olhar para à velhice é estigmatizado e negativizado. Mas será que as mulheres idosas se vêem como um problema? Conforme Minayo e Coimbra Jr. (2002), a visão depreciativa que os idosos tem de si é alimentado pela ideologia produtivista da sociedade capitalista, na qual predomina a visão que se uma pessoa não é capaz de trabalhar não serve para o país. Com os avanços das ciências e das novas tecnologias as mulheres idosas estão cada vez mais lançando mão desses recursos para parecerem mais jovens, uma



vez que as influências atuais vem de muitos lugares distintos, através da mídia, televisão, internet, revistas, etc.

Britto da Motta (1998), diz ser difícil identificar-se como velho, porque a velhice em nossa sociedade está sempre associada à decadência, prevalecendo sobre a experiência de vida e sabedoria conquistada. Alguns idosos se deixam abalar por esses estigmas e passam a negar a nova etapa de vida, pois associam coisas ruins ao processo de envelhecimento; não vêem nada de bom e lucrativo nessa fase da vida a não ser os muitos anos vividos. Baseado nas teorias presentes neste capítulo, veremos adiante o estado psicológico do corpo, parece antagônico, mas os estudos mostram que corpo e mente estão totalmente interligados e auto influenciados. Como está a mente por trás dessas marcas corporais impostas pela sociedade? Ou melhor, como a mente participa e sofre a partir e a cada mudança de padrão de corpo para ser aceito socialmente?

3. O CORPO DA MULHER SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA NO SÉCULO XXI

Observa-se a relevância dos diversos autores e suas linhas de pensamento sobre corpo e mente. Dentro da psicologia, estudos sobre ele foram surgindo devido a percepção de que não se podia estudar mente sem estudar o corpo e a maneira como se comporta, sendo ele o representante da mente no meio social. No existencialismo Sartre (1997) vê o corpo numa visão fenomenológica que, em síntese, é a consciência do próprio corpo. O autor diz que a percepção humana em si é o identificar-se com o próprio corpo levando-o a transcendência. Para ele a formação da identidade carece do outro, ou seja, o indivíduo percebe-se a si mesmo segundo o que o outro apercebe dele.

Lacan (1949) denomina *especular* a relação que o sujeito tem com os outros e diz “que é no olhar do outro que cada indivíduo se reconhece como tal” (LACAN, 1949, p.163-164). Este autor, assim como Sartre, revela a importância do outro, do meio social para a formação da identidade, ou seja, o sujeito só se individualiza a partir do momento em que vive em sociedade, que consegue se diferenciar dos outros.

Com o avanço tecnológico o corpo começa a ser pensado como uma máquina, um



objeto passível de controle. Em nossa época, mais do que em qualquer outra a preocupação exacerbada com o corpo leva as pessoas a cometerem alguns devaneios constatados nos altos índices de cirurgias plásticas, ingressos em dietas e academias para se alcançar o ideal de corpo, superestimando-o. As mulheres buscam aparência impecável e agregam a ela quadril largo, cintura fina, bustos avantajados, nariz extremamente fino e lábios volumosos. Estereótipo esse que vem sendo constituído ao longo dos anos e resulta na imagem da mulher do século XXI.

Segundo Dantas (2011) as condições técnicas estão ao alcance para que possamos administrar o nosso corpo com as opções oferecidas no mercado. Os padrões de beleza contemporâneos parecem ser implacáveis com as mulheres, em um tempo onde propagandas cujo teor oferecem uma fórmula mágica, rejuvenescimento e cura de quase todas as doenças. Isso tudo atrelado a sensação de felicidade gerando uma constante insatisfação com o corpo, uma inquietude que leva a profundas mudanças, até mesmo de sexo, irreversíveis. Você pode ser quem quiser, basta comprar e se submeter a tais (de)formações.

Segundo Sant' Anna (2001) durante séculos o corpo foi pensado como o espelho da alma, agora ele é convocado a tomar o seu lugar, mas na condição de se converter em boa forma. Dantas (2011) menciona que a moda do culto ao corpo feminino demanda reflexão, onde o ponto de partida é demonstrado através da ideia de que a cultura apropria-se do corpo para redefini-lo em termos sociais e assim transformá-lo em corpo "cultural".

As presentes discussões leva-nos a compreensão do estigma sofrido pelas mulheres. A priori, tudo isso parece inofensivo, a indução de melhorias corporais, mas definitivamente deixa marcas (cicatrizes) na imagem da mulher capaz de levar e multiplicar um sofrimento psicológico. No ponto de vista da psicanálise, no século passado Freud (1976) iniciou seus estudos a partir de mulheres histéricas e percebeu que seus corpos somatizavam todo o sofrimento psicológico pelos quais passavam. Impulsionado a conhecer a relação entre sexualidade e a origem da histeria, deu-se o seu trabalho a partir da clínica, mas propriamente através da fala da paciente e de seus sonhos que Freud (1976) constatou tal ligação. As mulheres não podiam ter desejo, ter libido, aliás eram repugnadas,

ESTIGMAS NO CORPO DA MULHER IDOSA: UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA.



já os homens com muito incremento e liberdade quanto aos desejos sexuais.

Dentro ainda do olhar psicanalítico, Souza (2010) revela-nos que a estética tem o objetivo de atrair a mulher a fim de permanecer jovem, magra, sem rugas, estrias e celulites, alienando-a. Esse estilo de vida sem limites, resulta em várias epidemias de doenças, tais como: anorexia, bulimia, vigorexia e compulsão a cirurgia plástica.

Devido às crescentes e desagradáveis consequências causadas pela busca incontrolável do corpo “perfeito” é que a psicologia tenta compreender os aspectos psicossociais, promovendo estudos e levando a informação necessária para que haja uma conscientização que ajude à reflexão dos processos envolvidos nesses distúrbios que atinge tão vorazmente o universo feminino, porque a sua raiz toma toda uma sociedade de mulheres.

Ao se olharem no espelho, a referência obtida a partir do que a mídia manipula como perfeito, não se veem enquadradas nesse modelo ideal de corpo, podendo entrar em profundo sofrimento psíquico, tornando-se alvo vulnerável ao mercado que o vende (GARRINI, 2007). Com o olhar mais voltado a mídia, Samarão e Furtado (2011) vão dizer que o entretenimento que a mídia proporciona aflora a imaginação do indivíduo que vê um personagem que não existe na realidade e projeta-se nele. Ela oferece modelos a serem alcançados na possível construção de um “eu” ideal. Segundo os autores, as revistas mais vendidas no Brasil são *Claudia* e *Nova*; suas publicações estão sempre voltadas a orientações de moda, beleza, e logicamente boa forma do corpo. Temos então a noção da imensidade dos agravos psicológicos, pois a mídia é rápida o suficiente para inventar e propagar a “boa forma” que a mulher deve apresentar.

Para visualizarmos melhor as consequências desse bombardeamento em torno do corpo, recorremos a CID-10 (OMS, 1993) onde classifica como transtorno mental e de comportamento a distorção exagerada da própria auto imagem e das dimensões do esquema corporal. Quanto à etiologia dessa problemática, são principalmente considerados os aspectos socioculturais, na medida em que a sociedade dá grande importância à aparência física e essa condição pode desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento da



distorção da imagem corporal (Assunção, 2002).

4. ESTIGMAS NO CORPO DA MULHER IDOSA

No capítulo anterior pode-se observar o papel que a mídia e os meios de comunicação exercem sobre o comportamento feminino nos dias de hoje e, as idosas não ficam de fora dessa perspectiva. A etapa da vida onde não deveria haver muitas preocupações, parece não ser verdade, uma vez que estão inseridas na sociedade e nos novos meios de comunicação, recebem influências e cuidam para estar dentro do padrão social requisitado num dado momento. A história do corpo, como vimos, abre caminho para o avanço dos transtornos, distúrbios presente em nossa sociedade no que refere-se a busca insaciável pela imagem perfeita, no entanto, essa busca tem um preço muitas vezes alto, a disseminação de uma identidade própria, cada vez se deteriorando mais sob os desejos impostos pela sociedade.

Neste capítulo trataremos um pouco mais da questão sobre o estigma e o olhar de vários teóricos que discorrem a respeito do assunto. Tomando como referência os estudos de Goffman (1988), a noção de estigma é compreendida como um atributo que implica desvalorização e situa a pessoa em uma posição de desvantagem. Mais que em qualquer outra fase da vida, podemos afirmar, mediante aos recortes teóricos, que a maior parte do sentimento de complexo acontece entre as mulheres idosas. A inferioridade e vergonha surgem como uma iminência central quando o indivíduo percebe que um dos seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um portador dele.

O termo estigma surgiu na Grécia e era utilizado para se referir a sinais corporais que evidenciavam algo mau sobre o status moral de quem os apresentava. Esses sinais serviam para avisar que a pessoa marcada era um escravo um criminoso ou um traidor. Atualmente o termo estigma é utilizado de maneira semelhante ao sentido literal original, e caracteriza o indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. (GOFFMAN, 1988). Partindo dessa idéia de Goffman, podemos questionar se as idosas tem aceito o seu corpo atual a partir do que a sociedade tem imposto as mulheres de uma forma geral.

Lins de Barros (2004), elucida melhor a questão quando alega que a não aceitação

ESTIGMAS NO CORPO DA MULHER IDOSA: UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA.



dos idosos deve-se ao fato de que a juventude é a idade padrão da sociedade contemporânea. A valorização da estética é extrema; o estereótipo de corpo da mulher deve ser magro, alto, cabelos lisos e jovialidade eterna, conseqüentemente, essas imposições sociais excluem o corpo envelhecido das idosas; a não ser que estejam dispostas a transformá-los em novos corpos.

Os estigmas causam muitos problemas ao indivíduo, visto que a sociedade coloca barreiras que o impedem de obter as mesmas oportunidades que as outras pessoas, o que leva a perda da identidade social e uma imagem deteriorada de si. Segundo Andrade (2011) existem duas categorias nas quais o portador de estigma se enquadra: o desacreditado ou o desacreditável. No primeiro, o estigma já é conhecido, ele é aparente, visível, um exemplo é o deficiente físico em cadeiras de rodas, que se torna o desacreditado. Já no segundo caso, o indivíduo não apresenta um estigma aparente, mas carrega alguma marca do passado ou em sua identidade, prova disso são os traumas emocionais. As marcas psíquicas não são perceptíveis a olho nu, mas tão presentes e sofríveis como quaisquer outras.

Estamos vivendo um novo processo, chamado por Debert, (1999 apud ANDRADE 2011) de “Reprivatização do Envelhecimento”, na qual a velhice pode ser uma questão de escolha. Ou seja, a problemática e o processo decisório encontra-se nas mãos das idosas que tem o poder de adotar formas de consumo e estilos de vida para evitar a velhice. O prejuízo em si parece não ocorrer quanto ao que Debert (1999 apud ANDRADE 2011) argumenta como perdas de cognição, habilidades, controles físicos e emocionais que o estigmatizam. Mas a sociedade parece se preocupar tão somente com a aparência do corpo.

Goffman (1988) alerta que os indivíduos estigmatizados enfrentam, mais cedo ou mais tarde, grande dificuldade no encobrimento do estigma, fazendo grande esforço para mantê-lo em segredo, principalmente porque não lhes convém divulgá-lo a estranhos, pagando alto preço psicológico por viverem em estado de ansiedade e de tensão para manter uma imagem que pode ser desmascarada a qualquer momento. O autor propõe prudentemente que o estigma traz marcas psicológicas e como não identificá-las? As mulheres são iludidas e envolvidas nos interesses políticos, econômicos e sociais. As idosas, portadores de vários estigmas, como já relatado, se tornam cada mais vulneráveis a

ESTIGMAS NO CORPO DA MULHER IDOSA: UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA.



cair nas armadilhas, comprando a ideologia social do mundo moderno e capitalista, deixando-se manipular, perdendo e/ou abrindo mão de uma identidade construída ao longo de toda a vida consequência desses estigmas são outros estigmas e marcas ainda mais profundos: os danos psicológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os assuntos abordados mostraram como o corpo foi construído ao longo dos tempos, o desenvolvimento e a noção do processo de envelhecer, como o corpo da mulher se apresenta nos dias atuais e como os estigmas perpassam todos esses momentos e dados históricos diferentes. Notou-se algo em comum dentro de cada teoria; tudo que foi construído deu-se a partir da convivência em sociedade, ou seja, o meio social, cultural influencia o indivíduo que o representa.

O término desse estudo não esgota as possibilidades de estender o assunto bastante emergente a fim de promover uma conscientização cada vez maior sobre os danos à saúde mental que a mulher, de forma geral, tanto vem sofrendo ao longo dos anos. Mediante a todo o histórico que a sociedade viveu até os dias contemporâneos, levantamos uma discussão sobre a história do corpo, as teorias que tratam sobre o processo de envelhecimento, o modelo atual de corpo feminino com uma abordagem dentro do campo psicológico. Arelado a tudo isso pôde-se notar que os estigmas são dados de um relato social coletivo predominantemente feminino e eles vão além das marcas constituídas ao longo dos anos nos corpos das mulheres, se presentificam também aonde sociedade nem ninguém pode ver: na mente de cada mulher que introjeta a meta a ser alcançada pela e através da sociedade: ser magra, bonita e jovem.



REFERÊNCIAS:

ALVES, B. M., & PITANGUY, J. *O que é feminismo?* Coleção Primeiros Passos, SP, Brasiliense, 1991.

ANDRADE, Â. & BOSI, M. L. M. *Mídia e subjetividade: Impacto no comportamento alimentar feminino*. Revista de Nutrição, 16 (1), 117-125, 2003.

ANDRADE, M. A. Rodrigues. *Estigma e Velhice: ensaios sobre a manipulação da idade deteriorada*. Revista Kairós Gerontologia, 14(1), ISSN 2176-901X, São Paulo, março 2011.

ASSUNÇÃO, S. S. M. *Dismorfia Muscular*. Revista Brasileira Psiquiatria: São Paulo. V. 24, supl. III, p. 80-84, 2002.

BARBOSA. R. M., MATOS. M. P., COSTA, E. M. *Um Olhar sobre o Corpo: O Corpo Hoje e Ontem*. Universidade do Porto, Portugal. Psicologia & Sociedade; 23 (1): 24-34, 2011.

BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos Anos Dourados*. In: PRIORE, Mary Del (org): História das Mulheres no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Contexto. p. 607-639, 2004.

BLESSMANN, Eliane Jost. *Corporeidade e envelhecimento: O significado do corpo na velhice*. Estud. Interdiscip. Envelhec.; Porto Algre, v. 6, p. 21-39, 2004.

BRITTO DA MOTTA, Alda. *Chegando pra idade*. In : REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 19., 1994, Niterói . (Publicado em LINS DE BARROS, Myriam Moraes (org.) Velhice ou terceira idade? (Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política). Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CALDAS, C. P.. *O idoso em processo de demência: o impacto na família*. In: Minayo MCS, Coimbra Jr CEA, organizadores. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p.51-71.

CASSIMIRO, E. S GALDINO, F. F. S., SÁ, M. G. De. *As Concepções de Corpo Construídas ao Longo da História Ocidental: Da Grécia Antiga à Contemporaneidade*. Universidade do Estado do Pará. Revista Eletrônica Print by <http://www.ufsj.edu.br/revistalable> *Μετάνοια*, São João del-Rei/MG, n.14, 2012.

CID-10. *Classificação estatística Internacional de Doenças e problemas relacionados à saúde*. Disponível em <http://www.cid10.com.br/>. Acesso em 15 jan. 2014.

COSTA, L. C. A., & MELLO, I. *História do Brasil*. SP, Scipione, 1999.

COSTA, M. M. V., *Corpo e História*. Unemat Revistas Ecos. Ed nº010 junho 2011.

DANTAS, J. B. *Um Ensaio sobre o Culto ao Corpo na Contemporaneidade. Estudos e Pesquisas em Psicologia*. ISSN 1808-4281. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 898-912, 2011.

D'ÁVILA Neto, M. I. *O autoritarismo e a mulher: O jogo da dominação macho-fêmea no Brasil*. RJ, Achiamé, 1980.

ESTIGMAS NO CORPO DA MULHER IDOSA: UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA.



- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- EISBESFELDT, E. *O homem pré-programado*. Alianza Editoria, Madri 1977.
- FOUCAULT, M. *Sexualidade e solidão*. Ed. Perspectiva, SP/1994..
- FREUD, S. *Sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI, 1976.
- GARRINI, S. *Do Corpo Desmedido ao Corpo Ultramedido. Reflexões sobre o Corpo Feminino e Suas Significações na Mídia Impressa*. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4ª ed.). Rio de Janeiro: LTC 1988.
- GROISMAN, Daniel. *A velhice, entre o normal e o patológico*. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (1):61-78, jan.-abr. 2002.
- HANKS, W. F. *Língua como Prática Social: Das Relações entre Língua, Cultura e Sociedade a partir de e Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
- HAREVEN, Tamara. *Changing images of aging and the social construction of the life course*. In: Featherstone, Mike; Wernick, Andrew (Org.). *Images of aging: cultural representations of later life*. London: Routledge. p.119-135. 1995.
- IBIAS, C. Izabel. *Velhice e Vida, Uma Parceria a Ser Vivida*. In: TERRA, Newton Luiz; DORNELLES, Beatriz.(org.) *Envelhecimento bem sucedido*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 245-254, 2003.
- JARDIM, V. C. F. da S., MEDEIROS, B. F., e BRITO, A. M. De. *Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice*. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, versão impressa ISSN [1809-9823](https://doi.org/10.1590/S1809-9823). Rev. Bras. Geriatr. Gerontol. v.9 n.2 Rio de Janeiro, 2006.
- KATZ, Steven. *Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge*. Charlottesville. University Press of Virginia. 1996.
- LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do EU, tal como se nos revela na experiência psicanalítica*, Escritos I, Buenos Aires/1949.
- LENOIR, *Remi* *L'invention du 'troisième âge' et la constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse*. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris, n.26-27, p.57-83. mars-avr. 1979.
- LINS DE BARROS, M. M. *Velhice na Contemporaneidade*. In: Família e Envelhecimento. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza & COIMBRA JR, Carlos Everaldo Álvares. *Introdução: entre a liberdade e a dependência – reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza & COIMBRA JR., Carlos Everaldo Álvares (orgs.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 11-24, 2002.
- MORI, Maria Elizabeth; COELHO, Vera Lucia Decnop. *Mulheres de corpo e alma: aspectos*



biopsicossociais da meia-idade feminina. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, 2004

OLIVEIRA, C. S. De, HENTGES, K. J., ANDRES, S. De S., OJEDA, T. R. E, CARDOSO, A. T., *Mulher e Envelhecimento: O Corpo em Evidência*. EFDdesportes.com, revista digital, Buenos Aires, año 17 n. 177. Febrero de 2013.

PEIXOTO, Clarice. *Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos, terceira idade...* In: Barros, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV. p.69-84. 1998.

PITANGA, D. A. *Velhice na cultura contemporânea*. 191 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

ROSÁRIO, N. M. *Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose*. 2006. Disponível em http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm. Acesso em 03 dez. 2013.

SAMARÃO. L., FURTADO C. P. *As Imagens e suas Implicações Sociais*. 2011. Disponível em <http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/Edicoes/18/artigo98178-1.asp>. Acesso 16 jan. 2014.

SANT`ANNA. D. B. *Corpo e História, Cadernos de Subjetividade*. PUC, SP/1996.

_____, *O prazer justificado, história e lazer, CNPq, Marco Zero/2001*.

SARTRE. J. P. *O ser e o nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Ed. Vozes, Petrópolis RJ/1997.

SCHULTZ, D. P.; SHULTZ, S. E. *História da Psicologia Moderna*. Tradução Suely Sonoe Murai Cuccio. – São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SOUZA, K.C.V. Revista Eletrônica: *O Feminino na Estética do Corpo: Uma leitura Psicanalítica* (Polêmica, v.9.n.3,p.65-71, julho/setembro 2010). Disponível em <http://WWW.polemicauerj.br>>Acesso em 30 de maio de 2014.

SPINOZA. B. *Ética*, Parte 3, Proposição 2, Escólio/Cuba/Havana/2005.

STREY, M. N., CABEDA, S. L., E PREHN D. R., (ORGS.) Ed.: EDIPUCRS. *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. 2004. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=W2NJdZYNTqIC&lpg=PA149&ots>. Acesso em 10 dez. 2013.

VITOLA, J. de O. Castilhos. *Aspectos Psicológicos do Envelhecimento*. In: TERRA, Newton Luiz; DORNELLES, Beatriz(org.) *Envelhecimento bem sucedido*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 97-101, 2003.